

A UNIMULTIPLICIDADE NA FILOSOFIA DE PLOTINO: UM CONVITE A ESTE TEMA

The unimultiplicity in the philosophy of Plotino: an invitation to this theme

Tadeu Júnior de Lima Nascimento¹

RESUMO

Este breve artigo tem caráter introdutório e provocativo. O objetivo principal é apresentar como o tema da unimultiplicidade se faz presente na filosofia do neoplatônico Plotino (204 ou 205–270 d.C.). O sistema plotiniano é composto fundamentalmente por uma tríade de hipóstases: Uno (ἓν), Intellecto (νοῦς) e Alma (ψυχή). Através delas, nosso filósofo explica tanto o cosmo inteligível quanto o sensível, sendo tal sistema tecido a partir de dois movimentos lógicos: processão (πρόοδος) e “retorno”/conversão (ἐπιστροφή). Veremos que a tese do *uno-múltiplo* é fundamental para explicar o surgimento de todas as coisas a partir do primeiro princípio e que Plotino dedica especial atenção a como isso se aplica com relação à natureza da Alma, razão pela qual teceremos um sucinto comentário acerca do tratado “*Sobre se todas as almas são uma só*” (*Enéada* IV 9 [8]). Por fim, provocaremos o leitor a pensar em que sentido essa tese pode nos levar a uma reflexão de cunho ético.

Palavras-chave: Plotino. Unimultiplicidade. Alma. Ética.

ABSTRACT

This brief article has an introductory and provocative character. The main objective is to present how the theme of unimultiplicity is present in the philosophy of the neoplatonic Plotinus (204 or 205–270 AD). The Plotinian system is fundamentally composed of a triad of hypostases: One (ἓν), Intellect (νοῦς) and Soul (ψυχή). Through them, our philosopher explains both the intelligible and the sensitive cosmos, such a system being woven from two logical movements: procession (πρόοδος) and “turning toward”/conversion (ἐπιστροφή). We will see that the *one-multiple* thesis is fundamental to explain the emergence of all things from the first principle and that Plotinus devotes special attention to how this applies in relation to the nature of the Soul, which is why we will make a succinct comment about the treaty “*About whether all souls are one*” (*Ennead* IV 9 [8]). Finally, we will pro-

¹ Professor de Filosofia no Instituto Federal do Maranhão - IFMA - Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: tjelithe@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5248-4252>.

voke the reader to think in what sense this thesis can lead us to a reflection of ethical nature.

Keywords: Plotinus; Unimultiplicity; Soul; Ethics.

“Mas nós... Mas quem somos nós?”
Enéada VI 4 [22] 14, 16²

A filosofia de Plotino consegue causar sentimentos diversos em seus leitores. Tanto impressiona quanto constrange. Para alguns como Ullmann (2008, p. 286), Plotino é capaz de nos “apontar um caminho seguro de felicidade”. Já Hadot (2019, p. 23) vê os tratados das *Enéadas* como “exercícios espirituais”. Arnou (1921, p. 1) nos diz que o filósofo nascido em Licópolis é um autor difícil e por muito tempo considerado ininteligível. De fato, percorrer a obra plotiniana é se aventurar tanto por temas complexos de ontologia, epistemologia etc., quanto assuntos caros à consciência humana quando reflete acerca de sua existência e modo de vida. É fascinante observar que, enquanto sistema, o pensamento de Plotino interliga os diversos ramos da filosofia e nos possibilita, por exemplo, pensar em ética ou estética sem nunca nos afastarmos de sua metafísica. Escolhemos tratar aqui de um tema relevante nas *Enéadas*: a unimultiplicidade. Doravante apresentaremos de forma breve o aparecimento desse tema já nos primeiros escritos de Plotino, convidando o(a) leitor(a) a perceber por si mesmo tal relevância e o porquê de um autor como Igal (1982, vol. I, p. 52) considerar essa doutrina plotiniana “talvez uma das mais difíceis de toda a sua filosofia”.

O sistema de Plotino e a questão da unimultiplicidade

² As citações das *Enéadas* seguirão o seguinte padrão: **Enéada** (algarismo romano entre I e VI na ordem estabelecida por Porfírio) — **Tratado** (algarismo arábico de 1 a 9 indicando a posição do tratado na *Enéada*, seguido de algarismo arábico entre colchetes identificando o tratado segundo a ordem cronológica da escrita plotiniana) — **Capítulo** (algarismo arábico) — **Linhas do texto grego** (algarismo arábico após vírgula). Por exemplo: “*Enéada* IV 9 [8] 3, 1-3” pode ser lido como: nono tratado da quarta *Enéada*, oitavo na ordem cronológica, capítulo três, linhas de 1 à 3. Neste artigo utilizaremos duas traduções diretas do grego para as citações dos tratados plotinianos: a de Baracat Júnior, em português (para a *Vida de Plotino* e as *Enéadas* I, II, III, além de uma exceção: a *Enéada* IV 9 [8]) e a de Igal, em espanhol (para as *Enéadas* IV, V e VI). Quando a segunda for utilizada, a tradução para o português é de nossa responsabilidade. Com relação ao texto em grego das *Enéadas*, utilizaremos a obra de Henry, P. & Schwyzer, H.-R.

Desde a morte de Platão em 447/448 a.C., o que chamamos de “platonismo” sofreu influência de diversas correntes filosóficas e teve de enfrentar questões que muitas vezes já não eram mais as mesmas a que o fundador da Academia esteve sujeito. Isso levou comentadores a defenderem a necessidade de diferenciação dos períodos que essa doutrina atravessou pelo menos até a antiguidade tardia, tamanha a riqueza que os caracterizavam. Com isso, termos como “médio-platonismo” e “neoplatonismo” foram cunhados. Grande expoente deste último, Plotino se diz um exegeta dos antigos³ e faz questão de expor sua dívida com o pré-socrático Parmênides quanto a sua reflexão sobre o Ser/uno. Porém, na elaboração da base triádica de seu sistema, nosso filósofo destaca, sobretudo, o homônimo diálogo platônico como referencial teórico:

[...] o *Parmênides* platônico, falando com maior exatidão, distingue um do outro: o Primeiro Uno, que é mais propriamente Uno (ἓν), o Segundo, que ele chama de “Unimúltiplo” (ἓν πολλά), e o Terceiro, a quem chama de “Uno e múltiplo (ἓν και πολλά). (*En.* V 1 [10] 8, 23-26)

Essa distinção didática dos três “unos” serve perfeitamente para Plotino alicerçar sua tríade metafísica, assim como a passagem da *Carta II* citada nas quatro primeiras linhas desse oitavo capítulo e também na *Enéada I* 8 [51] 2, 28-32. Diz a epístola platônica (312e - 313a): “Tudo gravita em torno do Rei do universo; esse é o fim de todas as coisas e a causa de tudo o que é belo; em torno do Segundo se encontram as segundas coisas; e do Terceiro, as terceiras”. Platão estaria pressagiando o que seriam as três hipóstases ao modo plotiniano? Não encontramos subsídios para uma tão aguda afirmação. Porém, fica nítida na passagem a disposição em aceitar uma divisão triádica que se apresenta como alicerce de toda a natureza. Compreender a “mecânica” desta tríade parece ser a principal tarefa do filósofo, daquele que aspira à verdade na concepção tanto do mestre da Academia como do lico-politano. Juntemos a isso a ideia do Bem “para além da essência” como fora apresentada na *República* (509b) e obtemos, grosso modo, o fundamento das hipóstases plotinianas: Uno (ἓν), Intellecto (νοῦς) e Alma (ψυχή).

Ao observarmos o pensamento plotiniano estamos diante de uma *henologia*, *agatologia* ou mesmo, *teologia*. Apesar da importância do conceito

³ Cf. *Enéada* V 1 [10] 8, 10-14.

na filosofia, a nomenclatura com relação ao primeiro princípio é questão secundária, como veremos, pela própria natureza daquele. Entretanto, tendo em vista que pensamos em grande medida através da linguagem, Plotino opta por denominá-lo e afirma que a primeira hipóstase é o “Uno”⁴, o Bem supremo (ὑπεράγαθον)⁵, por isso podemos chamá-lo de Uno-Bem, simplesmente “Bem”⁶ (ἀγαθόν) ou “Deus”⁷(θεός). O Uno transcende todas as coisas, inclusive o Ser, de quem é “progenitor”⁸ (e aqui reside uma particularidade importante dessa doutrina). Isso se torna a tese basilar na construção da henologia plotiniana, como nos explica J-M. Narbonne:

A tese central de Plotino em relação ao Uno, que é o primeiro princípio em sua filosofia, é que ele é *além do ser*. Dizer que o Uno é *além do ser* significa dizer que é além de tudo, isto é, além de tudo aquilo que é determinado, de tudo aquilo que possui uma forma ou caráter particular. (NARBONNE, 2014, p. 30).

Dessa forma, o Uno escapa de qualquer predicado, sendo “verdadeiramente inefável”⁹. Como tecer comentários acerca de tal princípio? A resposta reside em grande medida na linguagem apofática, em expressar-se por meio da negação, de não atribuir qualquer adjetivo que possa vincular a unidade absoluta a elementos qualitativos ou quantitativos utilizados pela convascente linguagem humana para as demais coisas. Mesmo a escolha pelo nome “Uno” não tem caráter predicativo, pois “[...] não há nome algum que realmente lhe convenha” (*Enéada* VI 9 [9] 5, 31). O termo “Uno” é empregado por Plotino para designar algo que não é múltiplo, algo que é a mais pura simplicidade e é autossuficiente¹⁰. Todavia, insiste o licopolitano em dizer de forma enigmática que “O Uno é todas as coisas e nenhuma delas” (*Enéada* V 2 [11] 1, 1.). Qual o sentido dessa afirmação?

No Uno não há qualquer alteridade, ou melhor, o Uno é a ausência total de alteridade. No entanto, se o Uno se distingue de tudo aquilo a que podemos chamar de *Ser*, como se estabeleceria a relação entre Uno e os demais seres? Em um magnífico artigo intitulado “*The Problem of ‘otherness’*”

⁴ Cf. *Enéada* VI 9 [9] 2, 29.

⁵ Cf. *Enéada* VI 9 [9] 6, 40.

⁶ Cf. *Enéada* II 9 [33] 1, 5-6.

⁷ Cf. *Enéada* V 3 [49] 7, 1-3.

⁸ Cf. *Enéada* V 2 [11] 1, 6.

⁹ Cf. *Enéada* V 3 [49] 13, 1.

¹⁰ Cf. *Enéada* II 9 [33] 1, 9.

in the Enneads”, Rist (1971, p. 77) nos esclarece que: “A questão da transcendência do Uno está associada com o problema de saber o que significa ser “outro” do que o Uno”. Se todas as coisas que são “outras” com relação ao Uno dependem sua existência deste, de certa forma o Uno é, potencialmente, todas elas. Mas é preciso que Plotino apresente uma explicação acerca de como tudo o que existe veio a existir, resolvendo no interior de seu sistema um clássico problema da filosofia antiga, o surgimento do múltiplo a partir do simples, do Uno. E assim o faz o licopolitano utilizando das ideias de **processão** (πρόοδος) — que seria o caminho de “descida”, em que toda a realidade deriva do Uno — e de **retorno/conversão** (ἐπιστροφή), um voltar-se para seu anterior. Ambos os “movimentos” são necessários para a origem de tudo a partir do princípio absoluto. Á esses se acrescenta ainda outro conceito importante: a **contemplação** (θεωρία). Eis uma passagem extraordinária acerca de tal engendramento:

Porque o Uno, sendo perfeito porque nada busca, nada possui, nada necessita, transbordou (ὑπερέρρη), por assim dizer, e esta sua superabundância deu origem a outra coisa e esta, uma vez originada, voltou se para aquele e se encheu e, ao olhá-lo, converteu-se de fato neste Intelecto. Sua detenção frente àquele deu origem ao Ser; mas seu olhar para aquele deu origem ao Intelecto. Assim, como se deteve para olhá-lo, tornou-se tanto Intelecto quanto Ser. (*Enéada* V 2 [11] 1, 7-13)

Essa “outra coisa” que se originou do Uno é a *matéria inteligível* ou Díada indefinida¹¹ (notadamente advinda da tradição pitagórica), uma potência, um “substrato”. Quando este algo, a matéria inteligível, se volta para seu princípio e o contempla “faz-se limitado e definido” (BEZERRA, 2006, p. 77), originando o Intelecto e o Ser por excelência, em uma unidade de “duas faces”: “[...] inteligente e inteligido, o Intelecto por inteligir e o Ser por ser inteligido” (*Enéada* V 1 [10] 4, 32-33).

Ao dirigir seu olhar para o Uno, o Intelecto se preenche das ideias ou formas¹² perfeitas, e mesmo persistindo em permanecer uma unidade,

¹¹ Cf. *Enéada* V 4 [7] 2, 7-8.

¹² É relevante destacarmos que a processão plotiniana nos possibilita discussões acerca de diversos conceitos que a entrelaçam. Um exemplo é a problemática da *identidade e diferença* e sua relação com unimultiplicidade. Tendo em vista a limitação deste escrito tal questão não será desenvolvida aqui. Trazemos, no entanto, uma importante passagem de Beierwaltes (1989, p. 37) sobre o assunto: “[...] a própria ideia é uma forma de unidade na multiplicidade ou o idêntico atemporal do diferente que se manifesta no tempo, e do qual cada coisa pode ser compreendida, pode ser ‘identificada’ em sua conexão com um universal”.

torna-se então um Uno-múltiplo. Uno porque não está dividido em partes separáveis ou que se dissociem na heterogeneidade temporal — a eternidade é um atributo seu (REIS, 1997, p. 388) — e Múltiplo, pois o Intelecto é tudo¹³, embora em um sentido diferente do Uno: ele é todas as coisas considerando já a diversidade, a multiplicidade destas. A esse respeito esclarece Szlezák:

Portanto, a estrutura do Nous deve ser descrita, em primeiro lugar, como a separação do pensante e do pensado e, depois, como o reencontro da Unidade no pensar-a-si-mesmo¹⁴. Essa estrutura é própria ao Nous como totalidade e a cada uma das suas partes (as Ideias contidas nele). Cada pensante é um pensado, e todos os pensados são, por sua vez, pensantes. (SZLEZÁK, 2010, p. 206).

Na segunda hipóstase plotiniana o “mundo das ideias” platônico encontra um lugar propício no desenvolvimento de uma metafísica que relaciona o inteligível com o sensível através da *participação* (μέθεξις) e que tem um profundo arcaísmo teleológico. Nesse sentido, o conceito de unimultiplicidade como entendemos a partir da citação do diálogo *Parmênides* torna-se uma chave hermenêutica, pois permite compreender o κόσμος νοητός como o Ser total, supremo e perfeito, e não apenas como algo que guarda a diversidade de seres suprassensíveis que se refletiriam na matéria física. Plotino nos diz que no inteligível não há divisão absoluta, lá “cada um possui a todos dentro de si e vê, por sua vez, no outro a todos, e todos estão em toda parte e cada um é tudo [...]” (*En.* V 8 [31] 4, 6-8). Essa assertiva de nosso filósofo além de caracterizar o Intelecto de modo bastante singular, nos lembra do importante papel do “olhar” nessa filosofia ao traduzir-se na conversão, inclusive no que tange a *Ética*, esta muito voltada ao retorno da alma humana à unidade absoluta.

Ao atingir sua perfeição, em outras palavras, ao se preencher por completo do Uno, o Intelecto continua com a processão que origina todas as coisas. Além de contemplar seu antecessor, o Intelecto volta seu olhar para si próprio e se vê enquanto pluralidade de formas (εἶδος) perfeitas. Nesse es-

¹³ Cf. *Enéada* V 1 [10] 4, 21.

¹⁴ A compreensão do Intelecto como algo que *pensa-a-si-mesmo* é de suma importância e segue nesta segunda hipóstase a concepção de Aristóteles, ou seja, de um deus enquanto νόησις νοήσεως (*Metafísica*, 1074b).

tado de plenitude, imita seu “nascimento”¹⁵ e faz com que apareça algo diferente dele mesmo, porém ainda indefinido. Novamente surge um tipo de matéria indeterminada, porém não a mesma matéria inteligível presente entre o Uno e o Intelecto, e sim uma matéria psíquica¹⁶/anímica, pois o Intelecto possui o pensamento puro e já se percebe enquanto alteridade. A matéria que advém do voũç tem características mais desenvolvidas (não sinonimizando superioridade).

Seguindo então as atividades de contemplar o antecessor e a si mesmo, origina-se a terceira hipóstase: a Alma. Nesta o movimento é intenso e necessário, pois se a eternidade está no Intelecto, o tempo está na Alma¹⁷. As idéias (arquétipos suprassensíveis) vêm à tona como reflexos do mundo inteligível se fazendo razões seminais (λόγοι σπερματικοί) que a Alma transmitirá para a do mundo físico. Na Alma acontece uma espécie de processão interna no intuito de explicar o agir dessa hipóstase dentro da cadeia causal do sistema plotiniano, fazendo desta uma realidade *una e múltipla* que contempla o anterior, a si mesma e ao que vêm depois dela, governando e cuidando do sensível¹⁸, inclusive do inanimado¹⁹.

Quem ler as *Enéadas* encontra variadas expressões em grego para identificar “cada alma”²⁰. Estas são traduzidas como: Alma Universal, Alma do Cosmo/universo, Alma do Todo, Alma total, Alma do mundo etc. Além disso, temos as almas consideradas “individuais” e a própria *natureza* que também é uma alma²¹. Não é viável que esmiuçemos essa problemática na tentativa de identificá-las. O que nos interessa é asseverar que, embora a diversidade de nomes, em última instância as almas permanecem sendo *uma* apenas. A diferenciação dessas se dá conforme o “olhar”, ou seja, para quê a alma se volta, assumindo, a depender disso, funções distintas. Como veremos mais à frente, a multiplicidade das almas tem mais a ver com o transcorrer da processão e com o envolvimento com a matéria sensível.

¹⁵ É imprescindível lembrarmos que essa cadeia de “acontecimentos”, de “movimentos” a partir para o Uno, ou seja, a processão e o retorno, não segue uma cronologia, mas sim uma lógica de derivação e hierarquia quanto à perfeição.

¹⁶ Cf. IGAL, 1982, vol. I, p. 54.

¹⁷ Cf. *Enéada* IV 4 [28] 15, 2.

¹⁸ Cf. *Enéada* IV 8 [6] 3, 19-38.

¹⁹ Cf. *Enéada* II 9 [33] 18, 39-40. Plotino faz referência ao *Fedro* (passo 246 b).

²⁰ Por exemplo: ψυχή τοῦ παντός, ψυχή τοῦ κόσμου, ὅλη ψυχή e πᾶσα ψυχή.

²¹ Cf. *Enéada* III 8 [30] 4, 15-16.

Há uma Alma que não se liga diretamente ao mundo físico, mas permanece voltada para seu predecessor, o Intelecto, assim como este o faz com relação ao Uno. Porém, para que a processão continue até seu limite, originam-se almas que “animarão” o universo (animal por excelência²²) e os demais seres sensíveis, sem que a unidade da Alma (hipóstase) seja abalada. Explica Plotino:

A conclusão é que a alma tem que ser assim: “una e múltipla”, “dividida e indivisível”, e que não devemos ser incrédulos como se fosse impossível que a mesma e única coisa esteja em muitas partes. Porque se não o admitíssemos, deixaria de existir a natureza que une e governa todas as coisas, a que, englobando todas as coisas, as mantém unidas e as conduz com sabedoria, sendo múltipla, é verdade, porque os seres são muitos, mas sendo una, a fim de que o princípio de coesão seja uno, pois é a alma que, graças à sua própria unidade múltipla, dá vida a todas as partes, enquanto que, graças à sua unidade indivisível, as conduz sabiamente. (*En.* IV 2 [4] 2, 39-48).

A passagem acima pertence ao quarto tratado na ordem cronológica, intitulado “*Sobre a essência da alma*” (Περὶ οὐσίας ψυχῆς πρῶτον). O tema da unimultiplicidade, portanto, está presente desde as obras da primeira fase da escrita plotiniana. Parece que nosso filósofo considerava que a discussão sobre tal tema era fundamental para a compreensão de seu sistema, como de fato o é. Nesse sentido, há outro tratado importante dessa fase do qual trataremos daqui em diante.

A *Enéada* IV 9 [8]: a unidade das almas

Apesar de Plotino só ter iniciado as *Enéadas* por volta de seus cinquenta anos de idade, Porfírio afirma que os primeiros vinte e um tratados “são de uma capacidade inferior e que ainda não possui magnitude suficiente para o vigor do pensamento”²³. Tal declaração de um discípulo tão próximo do licopolitano não ofusca nem desmerece esses primeiros escritos. De nossa parte podemos dizer que lendo esses tratados é difícil não se impressionar com a proficiência de seu filosofar, mesmo naqueles considerados mais simples ou demasiadamente pequenos²⁴.

²² Cf. *Enéada* IV 4 [28] 32, 4-5.

²³ *Vida de Plotino*, cap. 6, 30-32.

²⁴ Como o tratado acerca do suicídio (I 9 [16]).

Acerca da unimultiplicidade da alma, o tratado “*Sobre se todas as almas são uma*” (Περὶ τοῦ εἰ πᾶσαι αἱ ψυχαὶ μία), é um convite sedutor e instigante desde o título que anuncia essa problemática. Porém, há de confirmarmos que os argumentos utilizados por Plotino, nesta obra, por vezes não são explorados com o mesmo afínco ou não têm o mesmo peso que nas *Enéadas* VI 4 [22], VI 5 [23] e IV 3 [27], por exemplo. É fato que esta ideia da alma unimúltipla não é de total ineditismo plotiniano, embora o nosso filósofo torne-a destacada em sua metafísica. Igal (1982, vol. II, p. 546) nos lembra da precedência desta tese e de suas raízes na tradição filosófica: “A tese da unimultiplicidade da Alma é determinada em grande parte, por um lado, pela antiga crença na existência de uma Alma cósmica, e por outro, pela ausência do conceito de ‘pessoa’ no horizonte da filosofia platônica”.

É preciso dizer, entretanto, que os argumentos a que Plotino recorre para expor a tese da unimultiplicidade da alma nesse escrito (assim como em outros no decorrer das *Enéadas*) não parecem ter equivalente histórico até então. Concordamos assim com Brisson & Pradeau quando afirmam na nota introdutória de sua tradução da *Enéada* IV 9 [8] que:

Plotino objeta que a diversidade e multiplicidade das almas são apenas aparentes ou circunstanciais: são apenas uma. É uma e a mesma alma que se manifesta de diferentes maneiras. Devemos sublinhar a originalidade desta tese. (BRISSEON & PRADEAU, 2003, p. 38).

Lembremos que nosso filósofo utiliza do método dialético. Nas *Enéadas* nos deparamos com o que parece a transcrição de um pensamento ou um discurso “nascido” naquele momento de escrita. Há um desenvolvimento no texto plotiniano que é reflexo do caminho argumentativo desse autor, caracterizado pela definição platônica de pensamento quando diz que a alma “formula uma espécie de diálogo para si mesma com perguntas e respostas, ora para afirmar ora para negar” (*Teeteto*, passos 189e-190a.) Por isso temos que ter demasiada atenção à construção dos argumentos e dos contra-argumentos, como ficará nítido doravante.

Plotino inicia a *Enéada* IV 9 [8] com uma pergunta, um problema a ser resolvido:

²⁵ *Enéada* IV 9 [8].

Assim como dizemos que a alma de cada um é uma, porque está presente inteira em todo lugar do corpo, e é realmente uma desse modo, não tendo uma parte sua num lugar do corpo e outra parte noutra lugar, e é assim que [5]²⁶<a alma sensitiva> está nos seres sensitivos, como também a alma vegetativa está nas plantas inteira, em todo lugar de cada parte – será que assim também a minha alma e a tua são uma, e todas são uma? E, no universo, a alma que está em todas as coisas é uma, não como se fosse dividida pela massa, mas em todo lugar idêntica? Pois porque a que está em mim é uma, mas a no universo não seria uma? Pois não há massa [10] nem corpo lá. Se tanto a minha quanto a tua alma provêm da do universo, e esta é uma, também as nossas devem ser uma. E, se a do universo e a minha provêm uma alma que é uma, mais uma vez todas são uma. (*En. IV 9 [8] 1, 1-13*).

O questionamento plotiniano é fecundo. A minha alma (que em última instância é meu eu interior/verdadeiro²⁷) não habita apenas minha cabeça, não está mais no braço esquerdo do que no meu destro, mas está inteira em todo o corpo. Não há neste, um abismo tão profundo que seja inatingível para ela. Análoga é a Alma do cosmos (*ψυχή τοῦ παντός*), que mesmo animando cada parte do universo, permanece “*una*”. Plotino conclui que se fazemos parte dessa unimultiplicidade da Alma Total (que reúne todas as almas) podemos afirmar que todas as almas são uma. Todavia, naturalmente esta tese acarreta complicações e Plotino está ciente disso, tanto que elenca dois possíveis problemas. O primeiro parece-nos uma referência à tripartição da alma, pois apresenta argumentos de cunho “irracional” (sensações), racional (ético) e apetitivo (desejos):

Seria absurdo, se a minha alma e a de qualquer outro fossem uma só: pois seria necessário que, quando eu sinto, outro sentisse também; e que, se eu sou bom, ele também seja bom; e que, se eu desejo, ele deseje também; e que, de modo geral, houvesse uma homopatia entre nós e também com o universo, de modo que, se eu experimento algo, o universo sente junto. (*Enéada IV 9 [8] 1, 15-19*).

O que pode haver de comum entre eu e o outro (*ἄλλος*)? Até que ponto a tese de que todas as almas são uma faz sentido se as almas individu-

²⁶ Os numerais nos colchetes correspondem às linhas do texto grego. O professor Baracat Júnior que gentilmente nos cedeu sua tradução inédita deste tratado preserva essa peculiaridade em sua tradução.

²⁷ Cf. *Enéada I 1 [53] 7, 20*.

ais parecem viver uma completa alteridade? São incógnitas que circundam tal posicionamento de Plotino.

Já o segundo problema está na distinção entre as almas que dão vida aos diversos tipos de seres animados. Plotino segue Platão e Aristóteles ao atribuir níveis da alma (ou mesmo tipos de almas) onde certa característica prevalece. Então, sendo a alma uma só, o que explicaria a diferença entre a alma das plantas (vegetativa), dos animais (sensitiva) e a do ser humano (prioritariamente intelectual)? Plotino se propõe a resolver tais problemas.

No que se refere à primeira objeção cujo teor é a necessidade de sentimentos comuns devido à unicidade das almas, Plotino esclarece que é plenamente aceitável que uma pessoa sinta algo e outra não sinta igualmente, mesmo a alma sendo uma. Para defender tal afirmação, atribui essa heterogeneidade do sentir ao universo sensível, ou seja, o fato de a alma ser uma só não elimina a diversidade de compostos (união entre alma e corpo). As almas individuais em seu envolvimento com os corpos sensíveis pertencem a uma multiplicidade demasiadamente grande, algo que impossibilita o compartilhamento perfeito das mesmas sensações. Diz-nos Plotino:

Pois, mesmo num corpo uno, não é uma mão que sente [10] a afecção da outra mão, mas sim a <alma que está> no <corpo> inteiro. Se tu devias mesmo conhecer minha afecção, por ser ela algo um de ambos, era necessário que o corpo fosse unido; assim unidas, cada <alma> sentiria o mesmo. Convém entender que muita coisa passa despercebida à totalidade <do corpo>, mesmo dentre as que ocorrem num único e mesmo corpo, tanto mais [15] quanto maior tamanho tenha o corpo, como se diz ser o caso dos grandes cetáceos²⁸, nos quais, quando há uma afecção numa parte sua, nenhuma sensação chega ao todo, devido à pequenez do movimento; assim, não é necessário que a sensação distinta de uma impressão chegue ao todo inteiro, quando uma só [20] parte sofre a afecção. (*En. IV 9 [8] 2, 9-19*).

A Alma não se divide, embora seja múltipla. É aceitável que um raciocínio desta espécie traga mais dúvidas que explicações, pois a ideia parece não se traduzir de forma “lógica” na linguagem. Como Plotino pode falar de faculdades da alma e nos conduzir à noção “partes da Alma” se ela é indivisível? O entrave aqui está no modo como interpretamos essa “parte” de

²⁸ É curioso Plotino utilizar este exemplo, se referindo provavelmente a baleias ou algo assim, ou seja, grandes mamíferos marinhos. O que confirma o relato de Porfírio do interesse de Plotino pelas várias áreas do conhecimento (*Vida de Plotino*, cap. 14, 7-10).

natureza inteligível. Em outro tratado (*En.* IV 3 [27]) Plotino nos diz que quando utilizamos do termo “parte” nos referindo a seres incorpóreos como a alma, é necessário ter em mente que essa “parte” está para o todo como o dois está para o dez²⁹, ou seja, quando consideramos os números abstratos, perfeitos, percebemos que o “2” faz parte do “10” independente de sua representação. Não há, portanto, razão para que os diversos seres animados tivessem necessariamente as mesmas sensações ainda que “compartilhem” a mesma alma. Podemos utilizar de uma analogia bem próxima do estilo plotiniano: se de uma fonte de água se originar vários córregos, é plausível aceitar que cada ramal possua a “mesma água” ainda que estejam separados. Se porventura um dos córregos for contaminado, desviado etc., não afetará os outros, pois sua ligação essencial não é abalada por danos nas partes, nem ecoa tais avarias a estas. O que Plotino está a nos dizer é que a unidade é algo que pertence à natureza ontológica das almas e a multiplicidade é fruto de uma tendência à diversidade e do envolvimento dessas almas na esfera do sensível.

Ainda resta, no que se refere ao primeiro problema exposto por Plotino, as questões de cunho ético e apetitivo. Se todas as almas são uma só, por que há entre as pessoas divergências morais e/ou relativas ao desejo? Uma possível resposta segue a mesma linha que trouxemos acima: o mal moral tem sua origem também relacionada ao grau de envolvimento da alma com o sensível ou, falando em outros termos, de seu afastamento da natureza perfeita do Bem. No início do tratado *Sobre as três hipóstases principais* (V 1 [10] 1, 3-5) nosso filósofo afirma que o princípio (ἀρχή) do mal das almas está na ousadia/ audácia (τόλμα), na geração (γένεσις), na alteridade primeira (πρώτη ἑτερότης) e no desejo de pertencer a si mesmas (βουληθῆναι δὲ ἑαυτῶν εἶναι). Aqui Plotino busca justificativas para o afastamento das almas de Deus, seu pai, que em última instância é o próprio Uno, adentrando o conhecido problema platônico da queda das almas (*Fédro*, 246c-d). Então, podemos vincular o mal da alma a um afastamento com relação às coisas divinas, ou ainda, segundo o modo caracteristicamente platônico, uma ignorância, uma falta de conhecimento. Existirão assim almas que buscam o retorno à unidade, ao repouso do Pai, enquanto outras perma-

²⁹ Cf. *Enéada* IV 3 [27] 2, 21-22.

necem seduzidas pelo movimento constante da multiplicidade. Se a aproximação com Deus (Uno) é um caminho de libertação da alteridade, da multiplicidade, mais uma vez no Bem supremo, todas as coisas são uma.

Como citado anteriormente, o segundo problema ou dificuldade apontada por Plotino com relação à tese de que *todas as almas são uma só* aponta para os diferentes “tipos de alma”. O problema é, como resume Igal (1982, vol. II, p. 546): “Se todas as almas são uma só, por que uma é racional, outra sensitiva e outra vegetativa?”. Mesmo essa aparente heterogeneidade das almas não exclui, como ensina nosso filósofo, a unidade das almas, pois a verdadeira alma permanece em unidade na parte que não se divide nos corpos, ou seja, esta se identifica com o racional. O que há é uma multiplicidade de potências da alma, sendo que a racional pertence à esfera inteligível enquanto a sensitiva e a vegetativa atuam na esfera sensível. Torna-se clara neste ponto, a teoria plotiniana da *parte não descensional da alma* a qual se refere Szlezák:

Plotino fala, inequivocadamente, da alma considerada por ele como *Nous* e como algo que foi acrescentado ao *Nous* [...] o *Nous* da alma permanece sempre “no alto” [...] A pureza da alma original consiste em seu permanecer no alto, em seu caráter essencial não misturado e não misturável com o corpo. (SZLEZÁK, 2010, p. 295-296).

Como já foi dito anteriormente, tal teoria enfatiza, no sistema plotiniano, o papel proeminente do ser humano como personagem-símbolo da interligação inteligível-sensível. Conforme a característica do tipo ou parte da alma, os diferentes seres manifestam sua natureza no universo sensível, preservando, no entanto, a essência comum que os fazem uma só alma. A alma, nos diz Plotino, pode conter várias potências (*δύναμεις*) sem que perca o atributo da unicidade, pois “ [...] não é porque as potências são muitas que ela não é uma só: na semente, as potências são muitas e ela é uma; e dela, uma só, provêm muitas coisas unas” (*Enéada* IV 9 [8] 3, 16-18).

Embora em certos momentos a exegese da alma tripartida platônica apareça, o licopolitano parece não satisfazer-se com tal teoria e opta por pormenorizar as funções da alma. É nesse pano de fundo que nosso filósofo entende as diferentes afecções humanas e a pura impassibilidade da alma superior, sabendo que “cada uma de nossas potências psíquicas, vivendo sem-

pre, exercita sempre por si mesma sua própria atividade” (*Enéada* V 1 [10] 12, 10-11). A atividade própria da faculdade racional é, acima de tudo, voltar-se para cima, para o Intelecto. Nos animais (irracionais) e nas plantas as faculdades inferiores prevalecem totalmente e desenvolvem-se apenas as potências vinculadas ao sensível.

De qualquer forma, é notável que tanto no que se refere às afecções quanto a questão ética, as respostas que Plotino oferece para justificar a diferença entre as almas não são incontestáveis. Não porque ele tenha sido incompetente em sua argumentação, mas pela dificuldade que a própria questão da unimultiplicidade da alma carrega. Nesse tratado (*En.* IV 9 [8]) Plotino parece convencido de que bastavam tais posicionamentos ou ainda se preparava para se aprofundar mais no assunto, como o fez em escritos posteriores.

Ora, parece incabível defender que todas as almas contenham a essência que anima o todo, em outros termos, que a essência (a *forma* única das almas) seja a mesma em todas as “partes” e não se diminua na aparente divisão. Porém, para acudir sua teoria, Plotino utiliza o exemplo do teorema:

De qualquer forma, o cientista, detendo-se <num teorema>, introduz os demais como que por consequência; o geômetra também mostra, na sua análise, como um único teorema contém [25] antes dele todos através dos quais a análise se dá, e também os que vêm, depois, que são engendrados dele. (*En.* IV 9 [8] 5, 22-26).

Plotino faz uma analogia magnífica, nos oferecendo uma das mais belas imagens que podemos encontrar nas *Enéadas*. Do mesmo modo as harmonias musicais particulares (grosso modo, a combinação de acordes) estão interligadas e fazem parte do todo que é a Harmonia ou a Teoria musical em geral, a relação entre um teorema e sua ciência inteira é um exemplo importante de como podemos compreender a unimultiplicidade, tanto que o lícopolitano o repete em outras passagens³⁰. Como já dissemos, nos demais tratados em que Plotino escreve acerca da alma esses argumentos são revisitados, aprofundados, e por vezes reforçados por outros argumentos. Obviamente um estudo pormenorizado da *Enéada* IV 9 [8] requer bem mais do que este breve artigo se propôs a fazer tendo como objetivo principal a apresentação do tema da unimultiplicidade na filosofia plotiniana.

³⁰ *Enéadas* III 9 [13] 2, 1-4, IV 3 [27] 2, 49-52 e VI 4 [22] 16, 25-28, por exemplo.

Considerações finais

Enfim, “[...] todos os seres são um só” (*En.* VI 5 [23] 1, 26), todas as almas são uma só. E por que essa, que para Plotino é uma verdade tão nítida, não atinge todos os homens? A resposta que o licopolitano dá é mais uma vez centrada no nosso vínculo com a natureza corpórea: “Mas essas coisas são desacreditadas por fraqueza nossa, e são entreveçadas por causa do corpo: mas, lá³¹, todas e cada uma são radiantes” (*En.* IV 9 [8] 5, 26-28). Disso deduzimos que, havendo algum modo de voltarmos nosso olhar para contemplar o inteligível, certamente reconheceríamos que, em determinada instância, “todos nós somos um”. Bréhier (1968, p.62) faz uma comparação esclarecedora: “Somos todos como uma cabeça com muitas faces viradas para o exterior, enquanto que por dentro termina com um único vértice”.

Eis uma provocação: Acreditamos que a tese da unimultiplicidade (especialmente no que se refere à alma) é importante não apenas porque a ideia de um Uno-múltiplo e um Uno-e-muitos do *Parmênides* de Platão seja basilar para o sistema plotiniano, mas também como ponto de partida para pensarmos a ética desse filósofo por outro prisma, pois tal tese nos leva a perceber uma ligação entre nossas almas que está em nível muito acima das relações humanas cotidianas. Aqui estamos diante de uma ligação que é ontológica, mas que abre a possibilidade de remetê-la ao nível sensível, de buscar vestígios dessa união anímica no nosso agir no mundo. Parece improvável que a aceitação dessa ideia não trouxesse algum efeito ao modo de vida, ao comportamento humano, seja privado ou público. Em tempos de relações sociais tão diversas como o nosso, pensar que de algum modo “somos um” é refletir sobre o que nos une enquanto “humanidade”. Entendemos que a filosofia de Plotino nos possibilita isso.

Recebido em 16/04/2021 e aprovado em 20/05/2021

“Ἐν ἄρα πάντα τὰ ὄντα”.

³¹ No Inteligível.

Referências

Texto em grego e traduções das Enéadas:

BARACAT JÚNIOR, José Carlos. *Plotino, Enéadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino Introdução, tradução e notas*. Tese (Doutorado em linguística) — Programa de Pós-Graduação em linguística na Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006

HENRY, P. & SCHWYZER, H. *Plotini Opera*. Museum Lessianum. Paris: Desclée de Brouwer; Bruxelles, L'Édition Universelle (Editio major), vv. I-III, 1951-1973.

IGAL, J. *Plotino, Enéadas, em 3 volumes* (vol. I: Vida de Plotino, En. I-II; vol. II: En. III-IV; vol. III: En. V-VI), Madrid: Editorial Gredos, 1982 (Biblioteca Clássica Gredos, 57).

PLOTINO. *Enéada IV. 9 [8]: Sobre se todas as almas são uma*. Tradução e notas de José Carlos Baracat Júnior, 2014? (Tradução inédita, cedida pelo autor).

Outras obras citadas/consultadas:

ARISTÓTELES, **Metafísica**. vols. I, II, III, 2ª edição. Ensaio introdutório, tradução do texto grego, sumário e comentários de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. São Paulo. Edições Loyola. 2002.

ARNOU, R. *Le désir de Dieu dans la philosophie de Plotin*. Paris: Alcan, 1921.

BEIERWALTES, W. *Identità e Differenza*. Tradução: Salvatore Saini. Milano: Vita e Pensiero, 1989.

BEZERRA, C.C. *Compreender Plotino e Proclo*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2006.

BRÉHIER, E. *La Philosophie de Plotin*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1968.

BRISSON, L. & PRADEAU, J.-F. (dir). *Plotin: Traités 7-21*. Paris: GF Flammarion, 2003.

HADOT, Pierre. *Plotino ou a simplicidade do olhar*. Tradução: Loraine Oliveira, Flavio Fontenelle Loque. São Paulo: É Realizações, 2019.

ISIDRO PEREIRA, S. J. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 8ª ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.

NARBONNE, Jean-Marc. *A metafísica de Plotino*. Tradução: Mauricio Paggotto Marsola. São Paulo: Paulus, 2014.

PLATÃO. *A República*. Tradução: Maria Helena de Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2001.

_____. “Parmênides-Filebo”. In PLATÃO. *Diálogos*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Vol. VIII. Pará: Editora da Universidade Federal do Pará, 1974.(Coleção Amazônica – Série Farias Brito).

_____. “Fedro- Cartas- O primeiro Alcibiades”. In PLATÃO. *Diálogos*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Vol. V. Pará: Editora da Universidade Federal do Pará, 1975.

_____. “Teeteto-Crátilo” In PLATÃO. *Diálogos*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Vol. IX. Pará: Editora da Universidade Federal do Pará, 1973.

REIS, José. “O tempo em Plotino”. *Revista filosófica de Coimbra*, n. 12, 1997, p. 381-439.

RIST, J. “The problem of “otherness” in the Enneads”. In. *Le Néoplatonisme*. Paris: Actes du colloque de Royaumont (9–13 juin, 1969), 77–88, 1971.

SZLEZÁK, Thomas Alexander. *Platão e Aristóteles na doutrina do Nous de Plotino*. Tradução: Monika Ottermann. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção philosophica).

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Plotino: um estudo das Enéadas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.



Esta obra está licenciada com uma Licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).